

PORTUGUÊS**Análise Morfológica****01 - (ENEM)**

Agora eu era herói

E o meu cavalo só falava inglês.

A noiva do cowboy

Era você, além das outras três.

Eu enfrentava os batalhões,

Os alemães e seus canhões.

Guardava o meu bodoque

E ensaiava o rock para as matinês.

CHICO BUARQUE. João e Maria, 1977 (fragmento).

Nos terceiro e oitavo versos da letra da canção, constata-se que o emprego das palavras *cowboy* e *rock* expressa a influência de outra realidade cultural na língua portuguesa. Essas palavras constituem evidências de

a. regionalismo, ao expressar a realidade sociocultural de habitantes de uma determinada região.

b. neologismo, que se caracteriza pelo aportuguesamento de uma palavra oriunda de outra língua.

c. jargão profissional, ao evocar a linguagem de uma área específica do conhecimento humano.

d. arcaísmo, ao representar termos usados em outros períodos da história da língua.

e. estrangeirismo, que significa a inserção de termos de outras comunidades linguísticas no português.

02 - (ENEM)**O apanhador de desperdícios**

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas

Dou respeito às coisas desimportantes

e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.

Porque eu não sou da informática:

eu sou da invenção.

Só uso a palavra para compor meus silêncios.

BARROS, Manoel de. O apanhador de desperdícios. In: PINTO, Manuel da Costa. Antologia comentada da poesia brasileira do século 21. São Paulo: Publifolha, 2006. p. 73-74.

É próprio da poesia de Manoel de Barros valorizar seres e coisas considerados, em geral, de menor importância no mundo moderno. No poema de Manoel de Barros, essa valorização é expressa por meio da linguagem

a. denotativa, para evidenciar a oposição entre elementos da natureza e da modernidade.

b. rebuscada de neologismos que depreciam elementos próprios do mundo moderno.

c. hiperbólica, para elevar o mundo dos seres insignificantes.

d. simples, porém expressiva no uso de metáforas para definir o fazer poético do eu lírico poeta.

e. referencial, para criticar o instrumentalismo técnico e o pragmatismo da era da informação digital.

03 - (ENEM)**Retrato do artista quando coisa**

A menina apareceu grávida de um gavião.

Veio falou para a mãe: o gavião me desmoçou.

A mãe disse: Você vai parir uma árvore para

a gente comer goiaba nela.

E comeram goiaba.

Naquele tempo de dantes não havia limites

para ser.

Se a gente encostava em ser ave ganhava o

poder de alçar.

Se a gente falasse a partir de um córrego

a gente pegava murmúrios.

Não havia comportamento de estar.

Urubus conversavam sobre auroras.

Pessoas viravam árvore.

Pedras viravam rouxinóis.

Depois veio a ordem das coisas e as pedras

têm que rolar seu destino de pedra para o resto

dos tempos.

Só as palavras não foram castigadas com

a ordem natural das coisas.

As palavras continuam com seus deslimites.

BARROS, M. Retrato do Artista Quando Coisa Rio de Janeiro: Record, 1998.

No poema, observam-se os itens lexicais desmoçou e deslimites. O mecanismo linguístico que os originou corresponde ao processo de

a. estrangeirismo, que significa a inserção de palavras de outras comunidades idiomáticas no português.

b. neologismo, que consiste na inovação lexical, usada para o refinamento estilístico do texto poético.

c. arcaísmo, que expressa o emprego de termos produtivos em outros períodos históricos do português.

d. brasileirismo, que significa a inserção de palavras específicas da realidade linguística do português.

e. jargão, que evidencia o uso profissional de palavras específicas de uma área do léxico do português.

04 - (ENEM) Devemos dar apoio emocional específico, trabalhando o sentimento de culpa que as mães têm de infectar o filho. O principal problema que vivenciamos é quanto ao aleitamento materno. Além do sentimento muito forte manifestado pelas gestantes de amamentar seus filhos, existem as cobranças da família, que exige explicações pela recusa em amamentar, sem falar nas companheiras na maternidade que estão amamentando. Esses conflitos constituem nosso maior desafio. Assim, criamos a técnica de mamadeirar. O que é isso? É substituir o seio materno por amor, oferecendo a mamadeira, e não o peito!

PADOIN, S. M. M. et al. (Org.) Experiências interdisciplinares em Aids: interfaces de uma epidemia. Santa Maria: UFSM, 2006 (adaptado).

O texto é o relato de uma enfermeira no cuidado de gestantes e mães soropositivas. Nesse relato, em meio ao drama de mães que não devem amamentar seus recém-nascidos, observa-se um recurso da língua portuguesa, presente no uso da palavra “mamadeirar”, que consiste

a. na manifestação do preconceito linguístico.

b. na recorrência a um neologismo.

c. no registro coloquial da linguagem.

d. na expressividade da ambiguidade lexical.

e. na contribuição da justaposição na formação de palavras.

05 - (UNICAMP) É possível fazer educação de qualidade sem escola

É possível fazer educação embaixo de um pé de manga? Não só é, como já acontece em 20 cidades brasileiras e em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Decepcionado com o processo de “ensinagem”, o antropólogo Tião Rocha pediu demissão do cargo de professor da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e criou em 1984 o CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento).

Curvelo, no Sertão mineiro, foi o laboratório da “escola” que abandonou mesa, cadeira, lousa e giz, fez das ruas a sala de aula e envolveu crianças e familiares na pedagogia da roda. “A roda é um lugar da ação e da reflexão, do ouvir e do aprender com o outro. Todos são educadores, porque estão preocupados com a aprendizagem. É uma construção coletiva”, explica.

O educador diz que a roda constrói consensos. “Porque todo processo eletivo é um processo de exclusão, e tudo

que exclui não é educativo. Uma escola que seleciona não educa, porque excluiu alguns. A melhor pedagogia é aquela que leva todos os meninos a aprenderem. E todos podem aprender, só que cada um no seu ritmo, não podemos uniformizar.”

Nesses 30 anos, o educador foi engrossando seu dicionário de terminologias educacionais, todas calcadas no saber popular: surgiu a pedagogia do abraço, a pedagogia do brinquedo, a pedagogia do sabão e até oficinas de cafuné. Esta última foi provocada depois que um garoto perguntou: “Tião, como faço para conquistar uma moleca?” Foi a deixa para ele colocar questões de sexualidade na roda.

Para resolver a falência da educação, Tião inventou uma UTI educacional, em que “mães cuidadoras” fazem “biscoito escrevido” e “folia do livro” (biblioteca em forma de festa) para ajudar na alfabetização. E ainda colocou em uso termos como “empodimento”, após várias vezes ser questionado pelas comunidades: “Pode [fazer tal coisa], Tião?” Seguida da resposta certa: “Pode, pode tudo”.

Aos 66 anos, Tião diz estar convicto de que a escola do futuro não existirá e que ela será substituída por espaços de aprendizagem com todas as ferramentas possíveis e necessárias para os estudantes aprenderem.

“Educação se faz com bons educadores, e o modelo escolar arcaico aprisiona e há décadas dá sinais de falência. Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender.”

Sem pressa, seguindo a Carta da Terra e citando Ariano Suassuna para dizer que “terceira idade é para fruta: verde, madura e podre”, Tião diz se sentir “privilegiado” de viver o que já viveu e acreditar na utopia de não haver mais nenhuma criança analfabeta no Brasil. “Isso não é uma política de governo, nem de terceiro setor, é uma questão ética”, pontua.

QSOCIAL, 9 dez. 2014. Disponível em: <http://www.cpcd.org.br>.

Em relação ao trecho “E ainda colocou em uso termos como ‘empodimento’, após várias vezes ser questionado pelas comunidades: ‘Pode [fazer tal coisa], Tião?’ Seguida da resposta certa: ‘Pode, pode tudo’”, é correto afirmar:

- A expressão “Seguida da resposta certa” indica a elipse de uma outra expressão.
- A criação da palavra “empodimento” é resultado de um processo: sufixação.
- A repetição do verbo no enunciado “Pode, pode tudo” exemplifica o estilo reiterativo do texto.

d. O discurso direto presente no trecho tem a função de dar voz às comunidades.

06 - (FGV) As palavras cujos radicais ou prefixos — gregos ou latinos — correspondem, respectivamente, aos sentidos - dentro, duplicidade, em torno de, contra, metade, movimento para dentro, flor, livro, vida - são:

- Endoscópio, anfíbio, circunlôquio, antibiótico, hemiciclo, introspecção, antologia, bibliografia, biografia.
- Intramuscular, anfibologia, circunavegação, contraprova, semicírculo, internato, filósofo, biblioteca, biosfera
- Endoscópio, cosmopolita, circundar, antihigiênico, semidespido, introspecção, antologia, bibliografia, biografia
- Interface, ambidestro, circundar, antônimo, semiólogo, anteparo, biblioteca, biografia
- Endoscópio, ambivalente, circunavegar, antepasto, seminal, introspecção, antologia, bibliografia, biografia

07 - (UPE) Em agosto de 2005, a Revista Língua fez uma entrevista com Millôr Fernandes, o escritor escolhido para ser o homenageado da FLIP 2014. Eis, aqui, alguns trechos dessa entrevista.

Língua- Fazer humor é levar a sério as palavras ou brincar com elas?

Millôr- Humor, você tem ou não tem. Pode ser do tipo mais profundo, mais popular, mas tem de ter. 1Você vai fazendo e, sem querer, a coisa sai engraçada. Dá para perceber quando a construção é forçada. Tenho uma capacidade muito natural de perceber bobagem e destruir a coisa.

Língua- Com que língua você mais gosta de trabalhar?

Millôr- Não aprendi línguas até hoje (risos). 3Gosto de trabalhar com o português, embora inglês seja a que eu mais leio. Nunca tive temor de nada. Deve-se julgar as obras pelo que elas têm de qualidade, não por serem de fulano ou beltrano. Shakespeare fez muita besteira, mas tem três ou quatro obras perfeitas, e Macbethé uma delas.

Língua- Na sua opinião, quais vantagens o português possui em comparação a outras línguas que você conhece?

Millôr- A principal vantagem é a de ser a minha língua. Ninguém fala duas línguas. Essa ideia de um espião que fala múltiplas línguas não passa de mentira. Vai lá no meio do jogo dizer “salame mingauê, um sorvete colorê...” ou “velho guerreiro”. Os modismos da língua, as coisas ocasionais, não são acessíveis a quem não é nativo. Toda pessoa tem habilidade só no seu idioma. Você pode aprender uma, dez, sei lá quantas expressões de outra língua, mas ainda existirão outras mil – 4como é que se vai fazer? A língua

portuguesa tem suas particularidades. Como outras também. Aprendi desde cedo a ter o cuidado de não rimar ao escrever uma frase. Sobretudo em “-ão”.

Língua– Quais as normas mais loucas ou mais despropositadas da língua portuguesa?

Millôr– Toda pesquisa de linguagem é perigosa porque tem o caráter de induzir o sentido. Não tenho nenhum carinho especial por gramáticos. Na minha vida inteira sempre fui violento [no ataque às regras do idioma], porque a língua é a falada, a outra é apenas uma forma de você registrar a fala. Se todo mundo erra na crase é a regra da crase que está errada, como aliás está. Se você vai a Portugal, pode até encontrar uma reverberação que indica a crase. Não aqui. Aqui, no Brasil, a crase não existe.

Língua– Mas a fala brasileira é mutante e díspar, cada região tem sua peculiaridade. Como romper regras da língua sem cair no vale-tudo?

Millôr– 5Se não houver norma, não há como transgredir. A língua tem variantes, mas temos de ensinar a escrever o padrão. Quem transgredir tem nome ou peito, que o faça e arque com as consequências. Mas insisto que a escrita é apenas o registro da língua falada. De Machado de Assis pra cá, tudo mudou. A língua alemã fez reforma ortográfica há 50 anos, correta. Aqui, na minha geração, já foram três reformas do gênero, uma mais maluca que a outra. 6Botaram acento em “boemia”, escreveram “xeque” quando toda língua busca lembrar o árabe shaik, insistiram que o certo é “veado” quando o Brasil inteiro pronuncia “viado”. Como chegaram a tais conclusões? Essas coisas são idiotas e cabe a você aceitar ou não. Veja o caso da crase. A crase, na prática, não existe no português do Brasil. Já vi tábuas de mármore com crase errada. Se todo mundo erra, a crase é quem está errada. Se vamos atribuir crase ao masculino “dar àquele”, por que não fazer o mesmo com “dar alguém”? 2Não podemos.

Disponível em:
<http://revistalingua.uol.com.br/textos/97/millor-fernandes-o-senhor-das-palavras-247893-1.asp>. Acesso em: 13/06/2014. Adaptado.

Quanto aos aspectos semânticos e efeitos de sentido alcançados pelo vocabulário utilizado no texto, assinale a alternativa correta.

a.Os dois empregos do hiperônimo “coisa” (1º parágrafo) expressam o mesmo tom pejorativo.

b.Recursos de ironia, como “risos” e vocábulos coloquiais (“fulano”, “besteira”), marcam o 2º parágrafo: o leitor deve compreender que, na verdade, Millôr fala diversas línguas e considera perfeita toda a obra de Shakespeare.

c.No texto, “a fala brasileira é mutante e díspar” (5º parágrafo) equivale a “a fala brasileira é inconstante e disparatada”, ou seja, “sem normas ou regras”.

d.Vocábulos como “língua”, “português”, “idioma”, “gramáticos”, entre outros, pertencem a um mesmo campo semântico e contribuem, assim, para a construção da unidade de sentido ao longo do texto.

e.Vocábulos como “destruir” (1º parágrafo), “despropositadas” (4º parágrafo), “acessíveis” (3º parágrafo) e “induzir” (4º parágrafo) apresentam prefixos de traço semântico com valor de negação: “des-”, “a-” e “in-”.

08 - (FGV)

Sua excelência

[O ministro] vinha absorvido e tangido por uma chusma de sentimentos atinentes a si mesmo que quase lhe falavam a um tempo na consciência: orgulho, força, valor, satisfação própria etc. etc.

Não havia um negativo, não havia nele uma dúvida; todo ele estava embriagado de certeza de seu valor intrínseco, das suas qualidades extraordinárias e excepcionais de condutor dos povos. A respeitosa atitude de todos e a deferência universal que o cercavam, reafirmadas tão eloquentemente naquele banquete, eram nada mais, nada menos que o sinal da convicção dos povos de ser ele o resumo do país, vendo nele o solucionador das suas dificuldades presentes e o agente eficaz do seu futuro e constante progresso.

Na sua ação repousavam as pequenas esperanças dos humildes e as desmarcadas ambições dos ricos.

Era tal o seu inebriamento que chegou a esquecer as coisas feias do seu ofício... Ele se julgava, e só o que lhe parecia grande entrava nesse julgamento.

As obscuras determinações das coisas, acertadamente, haviam-no erguido até ali, e mais alto levá-lo-iam, visto que, só ele, ele só e unicamente, seria capaz de fazer o país chegar ao destino que os antecedentes dele impunham.

Lima Barreto. Os bruzundangas. Porto Alegre: L&PM, 1998, pp. 15-6.

A palavra que apresenta, em sua formação, um prefixo e um sufixo formador de adjetivo é

a.esperanças.

b.sentimentos.

c.unicamente.

- d.respeitosa.
- e.extraordinárias.

09 - (UNIFESP)

O nada que é

Um canavial tem a extensão
ante a qual todo metro é vão.

Tem o escancarado do mar
que existe para desafiar

que números e seus afins
possam prendê-lo nos seus sins.

Ante um canavial a medida
métrica é de todo esquecida,

porque embora todo povoado
povoa-o o pleno anonimato

que dá esse efeito singular:
de um nada prenhe como o mar.

(João Cabral de Melo Neto. Museu de tudo e depois, 1988.)

No título do poema – O nada que é –, ocorre a substantivação do pronome nada. Esse processo de formação de palavras também se verifica em:

- a.A arquitetura do poema em João Cabral define-lheo processo de criação.
- b.A poética de João Cabral assume traços do Barroco gongórico.
- c.Poema algumde João Cabral escapa de seu processo rigoroso de composição.
- d.Em Morte e Vida Severina, João Cabral expressa o homem como coisa.
- e.A poesia de João Cabral tem um quêde despoetização.

10 - (FGV) Pastora de nuvens, fui posta a serviço por uma campina tão desamparada que não principia nem também termina, e onde nunca é noite e nunca madrugada.

(Pastores da terra, vós tendes sossego, que olhais para o sol e encontrais direção. Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo. Eu, não.)

Esse trecho faz parte de um poema de Cecília Meireles, intitulado Destino, uma espécie de profissão de fé da autora.

A palavra "desamparada" é formada por

- a.derivação prefixal e sufixal.
- b.derivação prefixal.
- c.derivação parassintética.
- d.composição por aglutinação.
- e.composição por justaposição.

11 - (PUC) Queimada

À fúria da rubra língua
do fogo

na queimada

envolve e lambe

o campinzal

estiolado em focos

fenos

sinal.

É um correr desesperado

de animais silvestres

o que vai, ali, pelo mundo

incendiado e fundo,

talvez,

como o canto da araponga

nos vãos da brisa!

Tambores na tempestade

[...]

E os tambores

e os tambores
e os tambores
soando na tempestade,
ao efêmero de sua eterna idade.

[...]

Onde?

Eu vos contemplo
à inércia do que me leva
ao movimento

de naufragar-me
eternamente
na segura de suas águas
mais à frente!

Ó tambores
rufalai
sacudi suas dores!

Eu
que não me sei
não me venho
por ser
busco apenas ser somenos
no viver,
nada mais que isso!

(VIEIRA, Delermendo. Os tambores da tempestade. Goiânia: Poligráfica, 2010. p. 164, 544, 552.)

Sobre a palavra “somenos”, presente nos versos finais do fragmento do poema “Tambores na tempestade”, assinale a alternativa correta:

a. Formada por justaposição, a palavra “somenos” revela a posição de um quase nada assumida pelo enunciador do texto.

b. Tendo características de verbo no imperativo, a palavra “somenos” é um veículo pelo qual o enunciador conclama o

leitor a refletir sobre as consequências destruidoras de uma tempestade.

c. Formada pelo prefixo ‘só-’ e pelo radical ‘menos’, a palavra “somenos” expressa a minimização do significado da vida para aqueles que dela são privados.

d. Tendo o ‘-s’ final como marca de plural, a palavra “somenos” contrapõe o tudo com o nada, o muito com o pouco presentes na dinâmica do mundo descrita no texto.

12 - (FGV) Leia os versos do poeta Manoel de Barros.

Ele só andava por lugares pobres
E era ainda mais pobre
Do que os lugares pobres por onde andava.

[...]

O homem usava um dólma de lã sujo de areia
e cuspe de aves.

Mas ele nem tô aí para os estercos.

Era desorgulhoso.

Para ele a pureza do cisco dava alarme.

E só pelo olfato esse homem descobria as cores do amanhecer.

Quanto ao processo de formação de palavras, nos versos há um neologismo, criado por meio de prefixo e de sufixo, e uma palavra formada por parassíntese. Trata-se, respectivamente, de

a. tô e descobria.

b. dólma e estercos.

c. pureza e alarme.

d. desorgulhoso e amanhecer.

e. cuspe e olfato.

LISTA DE EXERCÍCIOS PARA O ENEM



GABARITO

01 – E

02 – D

03 – B

04 – B

05 – A

06 – A

07 – D

08 – E

09 – E

10 – A

11 - A

12 - D